



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

HEITOR HENRIQUE SANTOS DE ANDRADE

O Hip Hop e a Educação São Compromissos: O RAP como elemento pedagógico/didático da Decolonialidade para as aulas de Geografia

RECIFE
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

HEITOR HENRIQUE SANTOS DE ANDRADE

O Hip Hop e a Educação São Compromissos: O RAP como elemento pedagógico/didático da decolonialidade para as aulas de Geografia

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Caroline Damasceno Souza de Sá

RECIFE
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Andrade, Heitor Henrique Santos de.

O Hip Hop e a Educação São Compromissos: O RAP como elemento pedagógico/didático da Decolonialidade para as aulas de Geografia / Heitor Henrique Santos de Andrade. - Recife, 2024.

61 p. : il., tab.

Orientador(a): Ana Caroline Damasceno Souza de Sá

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, , 2024.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Decolonialidade. 2. Crítico. 3. Multidisciplinar. I. Souza de Sá, Ana Caroline Damasceno . (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

HEITOR HENRIQUE SANTOS DE ANDRADE

O Hip Hop e a Educação São Compromissos: O RAP como elemento pedagógico/didático da Decolonialidade para as aulas de Geografia

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Ana Caroline Damasceno Souza de Sá (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Fredson Pereira da Silva (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Drª. Ana Carolina Gonçalves de Leite (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos primeiramente se voltam para Deus e meu Padrinho, ambos me possibilitaram alcançar este feito, no qual há alguns anos parecia ser inimaginável para um menino oriundo da escola pública. Portanto, dando-me os meios, as pessoas e as armas necessárias para eu continuar acreditando neste sonho, pois como afirma Djonga: “Sem entrar em detalhes, sorte que eu ando armado”. Salve Jorge!!!

No entanto, a realização deste sonho é coletivo, entre familiares e amigos. Minha eterna gratidão a minha mãe por sempre incentivar nos estudos, assim como Tia Kelly e Nana em apoiar as minhas escolhas, como minha vó Vitória.

Em especial a minha esposa Erika e minha amada filha Maitê, as quais me alimentam diariamente com a esperança de alcançar maiores objetivos com a conclusão deste curso, assim como a colheita dos bons frutos plantados ao longo destes 4 anos.

Meus sinceros reconhecimentos a minha orientadora, que nestes últimos momentos da graduação me deu total apoio, suas palavras e ajudas serviram de combustível para este trabalho, além das monitorias e publicação de artigo científico. Muito Obrigado! Estes agradecimentos se estendem ao meu amigo Felipe, o qual tive o prazer de compartilhar a graduação, além de auxiliar na finalização deste trabalho.

Não poderia esquecer da professora Suely, que oportunizou esta prática incrível, além de me receber muito bem.

Alternativa para criança aprender
basta quem ensina. Essa é a
verdade, criança aprende cedo a
ter caráter. A distinguir sua classe,
estude, Marx. Seja um mártir, às
vezes um Luther King, um
Sabotage

(Canção foi tão bom, Sabotage)

Resumo

Diante da notória insatisfação com o modelo tradicional de ensino, caracterizado pela abordagem da educação bancária, logo, esta pesquisa tem como objetivo validar a hipótese de que o movimento Hip Hop, com ênfase no Rap, pode estabelecer relações positivas em uma abordagem pedagógica, demonstrando a aplicabilidade desse gênero musical por meio da utilização de recursos acessíveis. Para isto, o método utilizado foi o qualitativo através da pesquisa-ação e pesquisa bibliográfica. O trabalho apresenta os resultados acerca de aulas aplicadas sobre o tema “América Latina” com a utilização do Rap, sendo a música o principal recurso didático, evidenciando o caráter decolonial intrínseco tanto no conteúdo da aula, quanto na música destacada (América Latina – Fábio Brazza). Assim, foram gerados dados e relatórios produzidos pelos próprios alunos que servem para compreensão e avaliação em relação a este tipo de metodologia que foram submetidos, demonstrando satisfatórios resultados que relatam a eficácia da relação entre o rap e a educação.

Palavras-chave: ensino de geografia, geografia escolar, decolonialidade.

ABSTRACT

Given the notorious dissatisfaction with the traditional teaching model, characterized by the banking education approach, this research aims to validate the hypothesis that the Hip Hop movement, with an emphasis on Rap, can establish positive relationships in a pedagogical approach, demonstrating the applicability of this musical genre through the use of accessible resources. For this, the method used was qualitative through action research and bibliographic research. The work presents the results of classes applied on the theme "Latin America" with the use of Rap, with music being the main teaching resource, highlighting the intrinsic decolonial character both in the content of the class and in the highlighted music (Latin America - Fábio Brazza). Thus, data and reports produced by the students themselves were generated, which serve to understand and evaluate this type of methodology that was submitted, demonstrating satisfactory results that report the effectiveness of the relationship between rap and education.

Keywords: geography teaching, school geography, decoloniality.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	9
1.1.1 OBJETIVO GERAL	10
1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
2.REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 OS ELEMENTOS DO HIP-HOP E SUA CULTURA NO BRASIL	12
2.2 DECOLONIALIDADE	16
2.3 A POTENCIALIDADE PEDAGÓGICA DO MOVIMENTO HIP HOP	18
3.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	23
3.1 O FAZER PEDAGÓGICO	23
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
4.1 APROVEITAMENTO DAS ANÁLISES DOS RESUMOS DOS ALUNOS	34
4.2 IMPRESSÃO DOS ALUNOS SOBRE A METODOLOGIA APLICADA	39
5. CONCLUSÃO	44
6. BIBLIOGRAFIA	45
7. DISCOGRAFIA	49

1. INTRODUÇÃO

De maneira introdutória, ressalta-se a necessidade das aulas de Geografia serem mais dinâmicas e que assumam a responsabilidade em destacar as vivências e realidades em que os alunos estão inseridos, ligando-as a conceitos geográficos e temas do interesse, como lugar, paisagem, território e cidadania, entre outros. Assim como é exigido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018). Portanto, as participações em salas de aulas durante os estágios serviram para constatar este cenário de pouca motivação, seja por parte dos alunos em relação à metodologia e didática do docente, e/ou até mesmo os professores por falta de incentivos e recursos.

Logo, as causas para estas problemáticas são inúmeras e sistemáticas, assim abrangendo diversos atores e órgãos responsáveis. Todavia, apesar da precariedade ligada à infraestrutura e aos recursos didáticos, somadas a ineficiência da formação continuada e a ausência de incentivos e apoio psicológicos para professores e gestão, ainda assim há possibilidades de ultrapassar as diversas adversidades.

Para tanto, os caminhos necessários para minimizar uma parte das problemáticas aqui apresentadas, necessitam do docente práticas como um prévio levantamento do entorno escolar, análise do Projeto Político Pedagógico, realização de prévias avaliações diagnósticas, em formato até mesmo de conversas e perguntas, fornecendo assim subsídios para o entendimento em torno da classe social e econômica que ocupam, além do fator cultural que consomem e pertencem.

Deste modo, sendo prático em relação ao que Oliveira (2023) refletiu em torno da práxis na prática docente, adicionado ao Capital Cultural de Bourdieu, na medida que os elementos culturais adentram a sala de aula e fazem parte do processo educativo. Logo, o potencial no que se refere aos conteúdos geográficos que abarcam a realidade dos alunos, assim se tornando terreno fértil para estas práticas.

Tendo em vista que o movimento Hip Hop, sobretudo o Rap, abordam questões da periferia, consequentemente atraindo os jovens, este pode se tornar um importante recurso didático de representatividade. Ressalta-se o reconhecimento que o movimento Hip Hop vem conquistando nos últimos anos, seja por entes federativos e municipais, e principalmente por instituições de ensino.

No entanto, a linha de pensamento ligado à Decolonialidade é indissociável à cultura Hip Hop à medida que ambas têm como fundamentos a denúncia aos mecanismos de opressão, mas além disto, a emancipação dos oprimidos. Por conseguinte, unidas para fins pedagógicos apresentam enorme potencial, ofertando aulas atrativas à medida que levam para dentro das salas de aula a cultura consumida e produzida por muitos ali presentes.

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo validar a hipótese de que o movimento Hip Hop, com ênfase no Rap, pode estabelecer relações pedagógicas positivas, demonstrando a aplicabilidade desse gênero musical por meio de recursos acessíveis. O estudo também aborda os elementos constitutivos do Hip Hop, sua chegada ao Brasil, o conceito de decolonialidade e suas possibilidades práticas, baseando-se em estudos como Queiroz (2023) e Rufino (2019).

Além disso, a pesquisa contempla a elaboração e aplicação de planos de aula e a análise dos resumos avaliativos produzidos pelos próprios alunos, que fornecem insights sobre a eficácia da metodologia. Dessa forma, este trabalho busca servir como referência para educadores interessados em adotar essa perspectiva metodológica, contribuindo para o crescente conjunto de estudos que articulam o Rap, a decolonialidade e a prática pedagógica.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar a utilização de músicas do gênero Rap em aulas de Geografia, avaliando sua eficácia e aplicabilidade por meio de recursos acessíveis, com foco

no desenvolvimento do pensamento crítico fundamentado na decolonialidade, ao abordar personagens históricos e a produção do espaço de forma a estimular o senso crítico dos estudantes.

1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Problematizar o movimento Hip Hop, destacando seu potencial pedagógico para além de seus elementos culturais, evidenciando sua contribuição para práticas educacionais críticas, plurais e inclusivas.
- 2) Discutir a eficácia de metodologias pedagógicas que utilizem a música como ferramenta de ensino, promovendo engajamento e aprendizagem significativa;
- 3) Desenvolver e divulgar um planejamento e plano de aula que considere a realidade do entorno escolar como combustível didático, valorizando o contexto sociocultural dos alunos;

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 OS ELEMENTOS DO HIP-HOP E SUA CULTURA NO BRASIL

Evidentemente criado como uma forma de expressão artística, o Rap surgiu na Jamaica, na década de 1960, coincidentemente num momento de ebulição social e racial. Todavia, segundo Barroso (2023), vale ressaltar as origens que influenciaram este movimento que viria ser o Hip-Hop, pois a migração de jamaicanos para os guetos estadunidenses foi fator preponderante ao agregar outros elementos da cultura periférica local. Pois como afirma Ganhor (2019, p.167),

Estes espaços mobilizaram grande parte da juventude oprimida daquela região e foi gradativamente formando-se um mecanismo de denúncia e crítica social, por meio dos quais seus integrantes podiam compartilhar pautas e refletir sobre problemáticas específicas. Assim, passaram a ser palco de discurso sobre a política da ilha caribenha e a violência em suas favelas, além de temas como sexo e drogas. Na passagem para a década de 1970, devido a crise social a que o país foi submetido, um enorme contingente de jovens jamaicanos se arriscou em direção aos EUA, em busca de melhores condições de vida, levando consigo a tradição do canto falado.

Deste modo, a cultura do Hip-hop é formada por 4 elementos que são: O Break, MC, DJ e Grafite. Portanto, estes são interligados pelo movimento hip-hop, no qual apesar de cada um ter sua especificidade no quesito artístico, quase sempre buscam denunciar e dar voz aos oprimidos.

Nesta perspectiva, o DJ é o responsável pela sonoridade, o que antes eram apenas discos de vinil, atualmente se modernizou para programas tecnológicos especializados e estúdios de alta performance, porém para uma parcela minoritária de artistas. Já o Break está associado a expressões corporais de precisão e técnicas precisas, exigindo força e elasticidade.

No que se refere ao Rap, que é a junção do MC (Mestre de Cerimônia) com o DJ, logo, devido ao seu caráter questionador e problematizador, elementos fundamentais para a educação, foi marginalizado por suas letras não atenderem as

especificidades da indústria cultural da época. Como podemos observar um exemplo disto retratado na música a seguir:

Eu sou apenas um rapaz latino-americano
Apoiado por mais de cinquenta mil manos
Efeito colateral que o seu sistema fez.
(Racionais - Capítulo 4, versículo 3)

A princípio, sua chegada ao Brasil se deu entre as décadas de 1980 e 1990, em um contexto de urbanização desordenada, principalmente na floresta de concreto e aço¹, cidade a qual o movimento Hip Hop e o estilo musical rap fincaram suas raízes, mas regada por influências de outros ritmos e estilos brasileiros.

Portanto, como afirma Queiroz (2023), fatores como a vulnerabilidade socioeconômica, segregação espacial, além da migração, principalmente de nordestinos para São Paulo, influenciaram o surgimento de um novo ritmo no país. Assim como nos guetos estadunidenses e jamaicanos, a população jovem negra brasileira observou o potencial cultural e de denúncia das inúmeras repressões.

Os descendentes de negros e nordestinos fizeram nascer uma nova forma de manifestação que ganha importância para a manutenção da história dessas comunidades, já que esta não foi e nem é registrada de forma escrita. O jovem que canta versos que descrevem a realidade com pouco mais de trinta anos ganha, em sua comunidade, uma importância que se assimila à do griô ou do repentista (Tolentino, 2008)

Nesta perspectiva, no início da década de 1990 destaca-se o grupo Racionais MCs, ao lançar músicas em tom de protesto e relatar o cotidiano das periferias brasileiras. Logo, se tornando referência nacional e encorajando novos grupos e artistas de diversas regiões, pois como diz Renan, vocalista da banda Inquérito e geógrafo de formação

¹ Canção Negro Drama, do Grupo Racionais MCs, lançada em 2002. A qual retrata os dramas e desejo de um jovem negro periférico da cidade de São Paulo.

Vidas que se cruzam histórias reais
 Tão distantes e tão iguais
 Numa quebrada do Brasil bem perto de você
 Só muda o sotaque, o CEP e o RG
 Numa quebrada do Brasil bem perto de você
 Só muda o sotaque, o CEP e o RG
 (Inquérito - Histórias reais)

Apesar da criticidade ao Estado e seus agentes de opressão, as ideias e objetivos defendidas pelo hip hop se assemelham aos movimentos partidários da esquerda, assim criando opiniões diversas dentro do próprio movimento em relação ao envolvimento direto com partidos.

No entanto, personalidades emblemáticas como o Emicida ao declarar apoio ao Boulos a candidatura a Prefeitura de São Paulo, em 2024, e o Mano Brown declarar a necessidade de “voltar para a base” (Melo, 2018), em um comício presidencial do Partido dos Trabalhadores, no ano de 2018, demonstram a ligação entre ambos os movimentos.

A qualquer governo, eu sou oposição (oposição)
 Nunca deram nada pra nós, né, minha filha?
 Se aceite, somos perfeitos, um foda-se ao padrão
 Nossos corpos são muito mais do que mercadoria
 (Djonga - Poesia acústica 9)

Pois bem, pontua Paulo Freire ao retratar os cuidados constantes contra a alienação. Porém, a cultura de rua, assim chamada, de maneira controversa, porém nutrida pelo capital, adentrou ao lema de superação do capitalismo e meritocracia, influenciando o Rap com letras que valorizam a ostentação e mulheres como posse e bens materiais. Consequentemente, vale ressaltar a globalização como difusor desta cultura, assim ganhando destaque na indústria cultural à medida que se enquadra ao mercado audiovisual, como bem aponta Barroso (2023) ao revelar que

Hoje o movimento Hip Hop está contaminado pela concepção e pela narrativa do empreendedorismo, reproduzindo o discurso dominante, pautado no ideal meritocrático de sucesso, fama e conquista através do próprio esforço, com pouca discussão sobre as estruturas socioeconômicas mais

antigas que beneficiam e permanecem beneficiando a classe hegemônica burguesa. O discurso propagado em diversas músicas se ancora na ideia de que determinados artistas venceram o capitalismo, quando, na realidade, esses artistas venceram no capitalismo - inclusive, compreendendo a "vitória" como sinônimo de "enriquecimento". (Barroso, 2023, p. 9)

Entretanto, ressalta-se o potencial caráter pedagógico que esta cultura de rua pode alcançar, devido a sua abrangência no cotidiano e localidade em que a escola está inserida. Para além da formalidade histórica de resistência que o movimento Hip Hop carrega consigo, deve-se considerar suas possibilidades, em especial no Rap, pois parafraseando Rashid: "Para sonho não tem teto. Minha letra cai em prova, tio, e não é por português correto." Também denota-se o caráter psicossocial gerado pelo rap na afirmação de Dietzsch (2006, p. 739) "[...] as letras do rap oferecem possibilidades para a leitura da cidade de uma perspectiva ainda pouco explorada, a do jovem negro da periferia: é a cidade vista do avesso".

No entanto, além de estudiosos da educação aqui citados, que reforçam a proposta deste trabalho, fatores como a utilização do álbum "sobrevivendo no inferno", do grupo Racionais Mc's², ao ser requisitado como material obrigatório para a realização do vestibular da Universidade Estadual de Campinas (Alves, 2023), no ano de 2018, além do título de Doutor Honoris Causas concedido a todos do grupo em 2022, pela mesma instituição (Figueiredo, 2023).

Todavia, o álbum mencionado é da década de 1990, mas retrata temas atuais, como afirma o poeta Sérgio Vaz "Foi com Sobrevivendo no inferno que a juventude negra e periférica se formou. Por causa deste disco muita gente se graduou em autoestima e não entrou para a faculdade do crime."

Ressaltando a importância de divulgar e sensibilizar nacionalmente a diversidade cultural existente no Brasil, o tema da redação do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), deste ano 2024, ao propor "Os desafios para a valorização

² Grupo musical de Rap fundado em 1988, na cidade de São Paulo. Seus integrantes são Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay.

da herança africana no Brasil”, deu uma enorme margem para abordar temas como a decolonialidade.

Sobretudo, com ênfase para o repertório cultural que as letras de música podem abarcar, principalmente para os jovens periféricos que diariamente ouvem e que podem ser maximizados por metodologias que valorizem o uso musical, como propõe Pereira (2024), ao estabelecer um grande potencial do seu uso desde o ensino fundamental.

2.2 DECOLONIALIDADE

O Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), que reúne diversos autores da América Latina, teve início a partir da década de 1990, se constituindo como um marco acadêmico na produção do conhecimento, pois dentre suas diversas contribuições está o abandono do termo pós-colonial em decorrência do que foi conceituado como “giro decolonial”, conforme a autora Ballestrin (2013) afirma.

Portanto, Nelson Maldonado Torres (2018), conceitua este novo termo em referência ao cenário que vinha ganhando destaque à medida que diversos campos do meio social vinham reivindicando seus direitos e anseios, como o movimento negro, povos originários, assim como o cultural e educacional reivindicavam por maiores protagonismo e autonomia.

Consequentemente, e em consonância com estes anseios dos oprimidos (ex-colonizados), diversos autores inventaram e reinventam maneiras de pensar/agir frente às suas realidades, num exercício constante de não mais serem mediados pela perspectiva eurocêntrica colonizadora. Deste modo, os vestígios da colonialidade ainda presente nas diversas esferas do campo político, social, educacional e principalmente do econômico não mais fornecem argumentos válidos para uma parcela dos subalternizados, assim estes buscando suas próprias análises de sustentação e enfrentamento das inúmeras desigualdades consequentes da colonização. Retratado em algumas músicas, como a seguinte:

O rap é tipo Galileu e a sua teoria
Provou que o mundo não é centro
Ele é periferia
(Inquérito - Lição de casa)

Para tais fins, autores como Fannon e Paulo Freire, e porque não músicos, como Emicida e Mano Brown. Pois, como cita Milton Santos no documentário “O Mundo Global Visto do Lado de Cá”, ao refletir sobre o uso das tecnologias como instrumento de visibilidade dos excluídos, exalta a função do “Rapaz pobre da periferia que inventa a música revolucionária e que explica o seu mundo”. Logo, fornecem à sua maneira, uma diversidade de pensamentos e práticas que auxiliam no desenvolvimento do ser decolonial.

Tendo em vista que a Decolonialidade visa não negar a existência do opressor e suas multi-rugosidades, intrínsecas na sociedade e no seu próprio modo de pensar e agir, mas ultrapassá-las ressignificando frente a sua realidade. Pois como afirma, Fannon (2024, p.114) no livro “Peles negras, máscaras brancas”, ao refletir sobre o complexo de inferioridade do negro, mas especificamente em um suposto estudo de caso de um paciente seu, revela que

Surge, então, a necessidade de uma ação combinada junto ao indivíduo e ao grupo. Como psicanalista, devo ajudar meu cliente a conscientizar seu inconsciente, a não buscar uma lactificação alucinatória, mas agir no sentido de uma mudança das estruturas sociais.

Logo, atrelando esta corrente de pensamento com a educação, Oliveira (2023) enfatiza o papel do planejamento e reflexão tanto da prática quanto dos conteúdos, cabendo ao professor ser crítico, caso contrário estará a serviço de uma educação comprometida com a manutenção desta sociedade sustentada na desigualdade. Seguindo esta afirmação, Freire ao refletir sobre esta problemática aponta caminhos para superação “O que pode e deve variar, em função das

condições históricas, em função do nível de percepção da realidade que tenham os oprimidos, é o conteúdo do diálogo.”

Todavia, por pertencermos a uma sociedade dominada pela luta de classes, segundo Marx, conforme Losurdo (2015), elementos culturais, símbolos, linguagem e momentos históricos pertencentes a conquistas da classe trabalhadora estariam mais compreensível a alunos da periferia, pois o imaginário social é criado de acordo com classe e gênero, segundo Bourdieu, como aponta Olinto (1995). Por conseguinte, a educação não é um objeto acabado que deve ser seguido fielmente e de maneira unilateral, pois segundo Rufino (2019, p. 274), na sua obra *Pedagogia da Encruzilhada*:

Assim, o fenômeno educativo emerge para além daquilo que se apresenta como único caminho, investido e alçado pela lógica dominante. Nessa perspectiva, me cabe ainda dizer que pedagogias antirracistas e decoloniais estão a ser inventadas/inventariadas secularmente nas experiências de luta das populações subalternizadas pelo colonialismo.

2.3 A POTENCIALIDADE PEDAGÓGICA DO MOVIMENTO HIP HOP

O desenvolvimento da Ciência Geográfica em seus primórdios foi precedida pelas disputas territoriais, assim servindo antes de tudo para a guerra, conforme Yves Lacoste (1988). Dentre os diversos conceitos que norteiam esta disciplina, território pode ser classificado por diversos ângulos, há depender dos atores e suas finalidades.

Portanto, buscando referencial para a proposta desta ideia que reverencia o grafite, encontramos na própria Base Nacional Comum Curricular, sustentação ao que se refere a importância dos conceitos para a geografia.

Embora o espaço seja o conceito mais amplo e complexo da Geografia, é necessário que os alunos dominem outros conceitos mais operacionais e que expressam aspectos diferentes do espaço geográfico:

território, lugar, região, natureza e paisagem. (Brasil, 2018, p.363)

Partindo desta perspectiva e trabalhando com o elemento do grafite, no qual cada artista ou coletivos tem suas características de coloração, traços e/ou codinomes próprios de cada localidade, logo com uma territorialidade própria. No município do Recife destacam-se os coletivos Pão e Tinta, da comunidade do Pina (Ebrahim, 2022), e Cores do Amanhã com sede no bairro do Sancho (Gonzaga, 2022), ambos atuam há mais de uma década como verdadeiras entidades sociais no município de Recife e adjacências, através de oficinas que englobam também a arte de colorir. Logo, pode-se englobar o grafite também como elemento da paisagem dos centros urbanos, constituindo verdadeiras identidades locais.

Recentemente o grafite ganhou destaque nacional ao ser institucionalmente reconhecido pela sanção da Lei nº 14.996/2024, como manifestação da cultura brasileira, assim lhe assegurando direito à livre expressão artística, garantindo a preservação e valorização (Brasil, 2024a,b; Barbosa, 2024). Como a própria matéria do Governo Federal destaca:

O presidente sancionou nesta terça-feira, 15 de outubro [de 2024], a lei que reconhece a charge, a caricatura, o cartum e o grafite como manifestações da cultura brasileira. A medida é resultado do Projeto de Lei Nº 24/2020, aprovado pelo Senado Federal em setembro. A iniciativa reconhece expressões artísticas que até então eram muitas vezes vistas como marginais ao patrimônio cultural do país. [...] o grafite é um tipo de arte urbana caracterizado pela produção de desenhos em locais públicos, como paredes e edifícios, utilizando sprays e latas de tintas, comumente usado para tecer críticas sociais. Ao reconhecer o grafite como parte da cultura nacional, o Estado passa a valorizar e a proteger essas intervenções urbanas, que muitas vezes enfrentam criminalização e repressão. (Brasil, 2024b, *online*)

Para além dos diversos conceitos aqui ligados ao grafite, soma-se também ao de Lugar, pois na medida que entendemos o conceito de topofilia “sendo o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (Tuan, 1983, p. 5), “útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres

humanos com o meio ambiente material” (Tuan, 1983, p. 107). Elencado em várias músicas, como mostra o trecho a seguir:

O meu lugar
 É caminho de Ogum e Iansã
 Lá tem samba até de manhã
 Uma ginga em cada andar
 O meu lugar
 É cercado de luta e suor
 Esperança num mundo melhor
 (Arlindo Cruz - Meu Lugar)

Logo, os muros e prédios cobertos por tintas, personagens e figuras ilustram a ideia de pertencimento, como afirma Karina Miranda da Gama, diretora de Promoção da Diversidade Cultural, ligado ao Ministério da Cultura, ao afirmar que “Ao ocupar os muros da cidade, o grafite dá voz às múltiplas identidades que compõem nossa sociedade, valorizando a diversidade cultural e conectando comunidades” (Barbosa, 2024, *online*).

Dentre estes os elementos aqui citados, ainda existem as batalhas de rimas realizadas no formato freestyle, ou seja de maneira poética e improvisada. Assim, MC's duelam poeticamente com ênfase nas rimas, utilizando-se de multi referências como históricas, locais ou até do próprio movimento, com o objetivo de atacar e responder às provocações do adversário, sendo vencedor aquele que ganhar maior votação do público presente.

No centro do Recife, mais precisamente na Conde da Boa vista, desde 2008 ocorre a Batalha da Escadaria, que por meio da Lei Municipal nº 19.062/2023, de autoria da vereadora Cida Pedrosa (PCdoB), foi aprovada pela Câmara do Recife e sancionada pelo prefeito, assim tornando-a patrimônio imaterial do município (Recife, 2023; Portal de Pernambuco, 2023).

Figura 1 - Batalha da Escadaria, Conde da Boa Vista, Recife.



Fonte: Juan Marvin (2023).

Consequentemente ao interpretar a BNCC, denota-se a ênfase na formação cidadã e crítica na qual o professor deve atuar em consonância com os alunos, ambos ativos no processo de ensino-aprendizagem por meio dos conhecimentos prévios de ambos e somados aos conteúdos programáticos no documento, como afirma Pereira. Logo, constatando conforme Vesentini (2001) ao assegurar que

O bom professor deve adequar seu curso à realidade dos alunos. Realidade tanto local (a comunidade, o espaço de vivência e suas características) – nunca se deve esquecer que os estudos do meio constituem um dos mais importantes instrumentos da geografia escolar, como também psicogenética, existencial, social e econômica. Se os educandos são fascinados pelos computadores, pela imagem no lugar da escrita, por jogos, então é interessante incorporar tudo isso na estratégia de ensino. Afinal o professor também é um cidadão que vive no mesmo mundo pleno de mudanças do educando e ele também deve estar a par e participar das inovações tecnológicas, das alterações culturais (Vesentini, 2001, p. 30).

Deste modo, tendo em vista que o movimento Hip Hop está expresso nos muros das cidades, no modo de se vestir e se expressar, nos fones de ouvido, além no modo de pensar e agir de diversos alunos, assim se tornando símbolo e instrumento pedagógico para aqueles que ousam interpretar e desenvolver trabalhos em prol dele.

Para tanto, exemplos didáticos envoltos em letras de rap demonstram com clareza esta ligação entre o movimento hip hop e a educação, pois Emicida ao declarar que “Os boy conhece Marx/ nós conhece a fome”, para além da miséria, há crítica a maneira que as ciências humanas é difundida às massas, principalmente assuntos que interessam aos marginalizados. Logo, destaca-se o papel do professor como figura que facilmente ultrapassa esta barreira por meio da educação comprometida com os elementos e símbolos da realidade dos alunos.

Para além de autores que deram embasamento teórico, assim como os entes federativos e estadual ligado à educação, soma-se a canção Pedagoginga, do cantor Thiago Elniño, como parte desta jornada, da utopia à prática de realizar um ensino comprometido em abordar a visão de mundo vista pelos oprimidos baseado pela cultura marginalizada.

Quando todo campo de conhecimento é válido
Só tem que o homem pálido
Nos vende que somente o seu que serve
Levanta-se a voz daquele que se atreve
A expor seu desconforto mesmo que o sistema
não releve

(Thiago Elniño - Pedagoginga)

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 O FAZER PEDAGÓGICO E APLICAÇÃO DO PLANO DE AULA

O método adotado nesta pesquisa caracteriza-se como qualitativo, com elementos próprios da pesquisa-ação. Essa abordagem foi escolhida devido à sua natureza participativa e transformadora, evidenciada pelo envolvimento direto com o ambiente escolar. A aplicação de aulas abordando o tema "América Latina", utilizando o Rap como recurso pedagógico, exemplifica a interação prática entre teoria e prática. A produção de dados e relatórios pelos próprios alunos reforça o caráter colaborativo da pesquisa-ação, cujo objetivo é não apenas investigar, mas também promover mudanças significativas no contexto analisado.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, a busca bibliográfica iniciou-se a partir das leituras de obras que tratam da decolonialidade, com foco em práticas que já vem sendo utilizadas por profissionais da educação, comprometidos com a mudança de paradigma, no que se refere às aulas de Geografia, como é o caso de Barroso (2023) e Silva (2015).

As leituras referentes aos autores que seguem a corrente da decolonialidade, como Frantz Fanon (2024) e Lander (2005), resultaram em um pensamento crítico em esferas diferentes, tanto na do ser, como na do saber e do poder. Desta forma, impactando diretamente no planejamento, pois as perguntas diagnósticas que nortearam a primeira aula visavam além de medir o grau de conhecimento deles, abrir caminhos para que estes pudessem reafirmar conceitos e identidades que pareciam distantes, além de conhecerem novos.

O fator preponderante para a escolha da Escola Professora Odete Antunes se deu pelo fato de ter concluído o ensino médio e manter uma boa relação com a professora Suely, da disciplina de Geografia, a qual possibilitou a realização do Estágio 3 (realizado em 2023), na instituição de ensino. Estes fatores enriqueceram

o conhecimento prévio acerca da cultura local e consumida por parte dos alunos, pois já estive na mesma posição.

A escola localiza-se no segundo município mais populoso de Pernambuco, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) , em Jaboatão dos Guararapes, que se encontra entre a sua fronteira com o Recife, no periférico bairro de Cavaleiro, conhecido popularmente pelo mercado público local. Logo, a escola tem influências culturais e econômicas em que os alunos e a própria escola estão inseridos, numa relação dialética, pois tanto os alunos quanto a escola são produtos e produtores do meio sócio-cultural.

Ressalta-se a localização da escola em que as aulas foram desenvolvidas, pois a contextualização, no que se refere ao que foi desenvolvido dentro da sala de aula está intrinsecamente conectada com o entorno escolar. Portanto, com a cultura periférica e as diversas vulnerabilidades que o local apresenta, mas sobretudo as suas potencialidades, desta maneira fazendo relação com a pedagogia Libertadora de Paulo Freire.

Deste modo, após expor a proposta metodológica de trabalhar com o Rap, imediatamente aceita pela professora, e em comum acordo, foi estabelecido que o 8º ano seria a turma escolhida, por ter duas aulas seguidas, proporcionando uma sequência nas atividades em sala e que fez total diferença no planejamento das aulas. No que se refere aos conteúdos, a professora apenas confirmou América Latina como tema da unidade vigente da época, consequentemente buscando maiores informações e detalhes na BNCC juntamente com o Currículo de Pernambuco, resultando no seguinte plano de aula (quadro 1).

Havendo tempo hábil para o preparo da aula, iniciou-se a busca por músicas que abordassem a temática, com diversos elementos que possibilitasse os estudantes realizarem discussões em sala de aula, tendo em vista que seriam duas aulas contínuas. Após a análise de diversas opções, foi selecionada a música “América Latina” do rapper, compositor e poeta Fabio Brazza.

Todavia, o estilo musical escolhido se deu pela proximidade que esta tem em relatar a realidade vigente, pois segundo Fanon (2024) em “Peles Negras, Máscaras

brancas”, ao refletir sobre o negro e a linguagem, afirma que “falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura.” Assim, o Rap como instrumento simbólico e imaterial da cultura periférica assume um papel de resistência ao se confrontar com os instrumentos de opressão, seja na figura do Estado, das classes segregadas ou até mesmo da violência policial.

Para além de denúncias, o estilo musical em destaque pode ser também considerado como meio de empoderamento do negro/periférico, o que se constatou no momento da sala de aula quando os alunos ficaram entusiasmados ao saberem da proposta didática.

Quadro 01 – Plano de aula sobre a temática América Latina no 8º ano

PLANO DE AULA		
Escola	Professora Odete Antunes	
Docente	Heitor Henrique Santos de Andrade	
Disciplina	Geografia	
Turma	8º Ano	
Duração da aula	50 minutos	
Número de aulas	2 aulas (total de 1 hora e 40 minutos)	
Conteúdo geral	América Latina: localização, aspectos sociais e conflitos	
	AULA 1	AULA 2
Habilidades:	<i>BNCC:</i> (EF08GE13) Analisar a influência do desenvolvimento científico e tecnológico na caracterização dos tipos de trabalho e na economia dos espaços urbanos e rurais da América e da África. (EF08GE16) Analisar as principais problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas, particularmente aquelas relacionadas à distribuição, estrutura e dinâmica da população e às condições de vida e trabalho.	<i>BNCC:</i> (EF08GE04) Compreender os fluxos de migração na América Latina (movimentos voluntários e forçados, assim como fatores e áreas de expulsão e atração) e as principais políticas migratórias da região. (EF08GE05) Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões na contemporaneidade, com destaque para as situações geopolíticas na América e na África e suas múltiplas regionalizações a partir do pós-guerra. (EF08GE06) Analisar a atuação das

	(EF08GE17) Analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zonas de riscos. <i>Currículo Estadual de Pernambuco:</i> (EF08GE16PE) Analisar as principais problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas, particularmente aquelas relacionadas à distribuição, estrutura e dinâmica da população e às condições de vida e trabalho, considerando seus reflexos nos indicadores socioeconômicos dos seus respectivos países. (EF08GE17PE) Analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de comunidades, alagados e zonas de risco, a partir da atuação dos movimentos sociais locais.	organizações mundiais nos processos de integração cultural e econômica nos contextos americano e africano, reconhecendo, em seus lugares de vivência, marcas desses processos. <i>Currículo Estadual de Pernambuco:</i> (EF08GE04PE) Compreender os fluxos de migração na América Latina (movimentos voluntários e forçados, assim como fatores e áreas de expulsão e atração) e as principais políticas migratórias da região. (EF08GE10PE) Distinguir e analisar conflitos e ações dos movimentos sociais brasileiros, no campo e na cidade, comparando-os com outros movimentos sociais existentes nos países latino-americanos, identificando avanços e entraves vivenciados pelos movimentos na elaboração e efetivação de políticas públicas.
Objetivos	Apresentar e discutir aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais da América Latina. Logo abrangendo conceitos como Êxodo Rural, Urbanização e Industrialização.	Apresentar e discutir aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais da América Latina utilizando a musicalidade como a principal fonte norteadora para o diálogo sobre o assunto (música América Latina, do cantor Fabio Brazza), estabelecendo conexão entre a relação local-global.
Conteúdo	- Localização do continente Americano e seus países, com ênfase na América Latina; - Índices: IDH e PIB dos países que	- Origens da dependência: No princípio a metrópole e atualmente com os países desenvolvidos; - A usurpação das matérias-primas e

	compõem a América Latina; - Problemas sociais e ambientais em grandes cidades, como o inchaço urbano, violência e vulnerabilidade econômica; - Apresentar as causas e consequências dos países latinos em ainda manter uma relação de dependência.	recursos naturais como as pedras preciosas; - O genocídio indígena e o desaparecimento de milhares de línguas nativas, assim como a resistência dos que sobreviveram. Além do modelo escravista; - O sistema capitalista como reprodutor das desigualdades entre as nações do Norte e do Sul.
Metodologia	1º momento (5min): Acolhimento e apresentação do projeto. 2º momento (10 min): Aula expositiva dialogada sobre a América latina. Para uma maior compreensão da territorialidade do continente, serão distribuídos “mapas mudos” que representam todo continente americano. Em seguida, os estudantes deverão colocar os respectivos nomes dos países com o auxílio do professor, de maneira dialógica, assim exercitando o raciocínio geográfico. Por fim, os alunos deverão colar o mapa em seus cadernos. 3º momento (35min): Este momento será iniciado com perguntas norteadoras para entender o que eles sabem sobre a temática (aspectos sociais e econômicos da América Latina). Em seguida, serão expostos os principais temas do	1º momento (10 min): Para detalhar a proposta didática em relação a utilização da música será distribuída a letra da música em papel ofício. Desta forma os alunos terão uma maior compreensão e deverão destacar os versos que os chamaram atenção, seja dúvida ou comentário. 2º momento (5 min): Reprodução da música com os alunos acompanhando a letra da música e destacando os versos. 3º momento (20 min): Interações com os alunos irão delinear o rumo da aula, no qual os estudantes discutirão aspectos sociais, econômicos e culturais sobre a América Latina a partir das ideias centrais que a música trás. Neste momento, o professor atuará como mediador das discussões e escreverá no quadro termos e palavras mencionadas pelos estudantes para construir uma nuvem de palavras. Ao final, as ideias discutidas serão rapidamente

	conteúdo, com um breve resumo no quadro para ficar registrado no caderno dos alunos, seguido de explicação. Os temas serão trabalhados com exemplos dentro da realidade dos alunos, citando o bairro em relação aos problemas de uma metrópole latina, por exemplo.	recapituladas para auxiliar na sistematização dos conhecimentos. 4º momento (15 min): Os alunos deverão produzir um breve resumo destacando as informações e ideias centrais que foram apresentadas durante as aulas. Ao término da aula irão entregar ao professor.
Recursos didáticos	Quadro, lápis piloto, impressão de mapa e letra da música em folha de ofício e cola.	Quadro, piloto, folha de ofício com impressão da música, celular e caixa de som.
Avaliação	- Avaliação diagnóstica, buscando compreender o grau de conhecimentos que os estudantes têm sobre a temática; - Avaliação formativa, com observação do comportamento da turma e sua interação no decorrer da aula, seja por meio de dúvidas ou exemplos.	A avaliação será somativa, pois levará em consideração a participação no momento da dinâmica, além da entrega do resumo ao final da aula, onde a avaliação consistia em 1 ponto aos que cumprirem com apenas um dos exercícios propostos, e 2 para aqueles que fizeram as duas atividades.

Fonte: Autor, 2024.

Portanto, como apresentado, a primeira aula serviu como introdução do que viria em seguida, sendo um momento de grande importância devido às perguntas diagnósticas que visavam medir o conhecimento prévio da turma acerca do assunto. Então, conceitos como urbanização, êxodo rural e industrialização, entre outros foram reapresentados a eles, constatando certo grau de dificuldade em relação aos conceitos por parte dos alunos.

Devido a forma de avaliação somativa dos alunos serem decorrentes de entrega de atividades e vistos no caderno para pontuação, observou-se a necessidade de utilizar o quadro tanto como maneira de registro para o visto, como também para consultarem posteriormente. Em seguida, houve a distribuição dos mapas do continente da América como um todo (figura 02), para que assim eles

assimilassem melhor a espacialidade do continente e suas subdivisões, além de preencherem com os respectivos nomes dos países.

Figura 02 – Representação do continente americano



Fonte: Suporte geográfico, 2023.

Todavia, na tentativa de colocá-los como agentes ativos do seu aprendizado, foi-se além dos conceitos que alguns apresentaram dificuldades, mas desta vez pedindo para descreverem os problemas encontrados por eles no cotidiano, pois contextualizando com as consequências de sobreviverem na periferia de um país que foi colonizado, logo não houve demora para surgirem os primeiros a participarem.

Por conseguinte, como planejado no segundo momento houve a distribuição das folhas de ofícios com a letra da música impressa (figura 03), assim assegurando uma maior compreensão por parte dos alunos, pois foi solicitado que marcassem o que mais lhe chamou a atenção, ficando livres para rabiscarem e grifarem os versos.

Figura 03 – Letra da música utilizada - América Latina, do cantor Fabio Brazza.

Yo soy americano, latino americano Filho do fardo escrito por Eduardo Galeano As veias abertas da América Latina A mercê dos interesses da América de cima Banquete para as aves de rapina Que deixaram a miséria e levaram a sua matéria prima Sua sina, mão de obra campesina barata Serviçal das minas de prata Zapateca, Potosi, ouro, frenesi Seu tesouro Incas, Maias, Astecas, Tupi Nascemos pra servir O sistema escravagista mais duradouro foi por aqui Quem te descobre te descobre Levam teu cobre e quem é que cobre esse rombo? Pergunta pro Colombo O que resta é só o escombro da história que te assombra É só a sombra de um passado que ainda carrega em seu ombro Gracias a la vida, que ha quitado tanto Pero aún que resta el canto Y se me cayo me llevo Quem descobriu Brasil não foi Portugal Índios já viviam aqui irmão, muito antes de Cabral Mas sua herança cultural Foi dizimada pelas garras sedentas da matança colonial E os mais americanos dentre nós Nunca tiveram voz Pois a história foi contada pelos vencedores Portugueses e Espanhóis	Que fizeram questão De transformar os assassinos em Heróis Mas não seria Hernán Cortés um algoz? E Fernando Pizarro? Não seria o verdadeiro herói Tupac Amaru? No leito em desamparo, o maior genocídio da história Nunca teve direito a reparo Eu sou um storyteller Mas a minha história nunca vai virar um best seller Pois o que eles querem são histórias de sucesso E sucesso pra eles são histórias como as do Rockefeller Dinheiro sem critério, levam nosso minério A nossa pobreza trás riqueza para seu império Problema sério, o nosso solo é fértil Mas nossa economia é estéril E ainda é um mistério, os que antes vinham de caravelas Chegam hoje pelo espaço aéreo Até marítimo e a colonização segue seu ritmo Tomadas pelas forças do outro lado do hemisfério Efeito deletério corrompeu nossa terra Esvaziou nosso cofre e encheu nosso cemitério Mas pra cada Joaquim José da Silva Xavier Ainda existe um Joaquim Silvério Gracias a la vida, que ha quitado tanto Pero aún que resta el canto Y se me cayo me llevo América Latina sua sina es luchar Su estória es um grito a clamar por libertad
--	--

Fonte: Fabio Brazza.

Posteriormente, foi ligada uma caixa de som portátil, a posicionando de modo que o som pudesse chegar a todos (figura 04). Notou-se a necessidade de ficar no meio dos alunos e não na frente (figura 05), assim observando que a totalidade da turma enquanto ouvia, também acompanhava os versos que tinha em mãos. Além

disso, alguns alunos demonstraram interesse pelo ritmo, havendo uma maior identificação com estes que informaram conhecer o rapper.

Figura 04 – Organização do som para tocar a música.



Fonte: Heitor Andrade, 2024.

Figura 05 – Ao tocar a música, os estudantes acompanhavam a letra e grifavam as partes que mais chamavam atenção.



Fonte: Heitor Andrade, 2024.

Prontamente como solicitado, ao término da música eles comentavam entre eles a recente experiência, aproveitando este momento, foram informados que compartilhassem com o professor e toda a turma os seus destaques, deixando-os à vontade para comentarem, perguntarem ou apenas recitarem. Esta maneira de manusear a aula a tornou mais dinâmica na medida em que os alunos se sentiam mais confortáveis para serem participativos, sem necessariamente ser uma obrigação.

Conforme planejado, na etapa final foi solicitado aos alunos que elaborassem um breve resumo, com no mínimo sete linhas, destacando os aspectos mais relevantes das aulas aplicadas, com ênfase na metodologia adotada. Nesse momento, observou-se uma efervescência no ambiente, que dificultou o desenvolvimento adequado dos resumos e, conseqüentemente, a obtenção dos resultados esperados. Após reiteradas solicitações de silêncio e nova explicação sobre a tarefa, optou-se por reproduzir músicas durante o período de escrita, como

Pangeia e Brasil Colônia (ambas com a participação de Fábio Brazza) (figura 06, Anexo A e B).

A introdução dessas músicas teve impacto imediato no comportamento dos alunos, que se mostraram mais focados, possibilitando a conclusão dos resumos. Esses textos constituíram os principais resultados desta pesquisa, evidenciando as avaliações dos próprios alunos sobre a metodologia. Esse resultado reforça o entendimento de que a educação não deve ser pensada apenas para os alunos, mas construída com eles, em uma verdadeira práxis pedagógica.

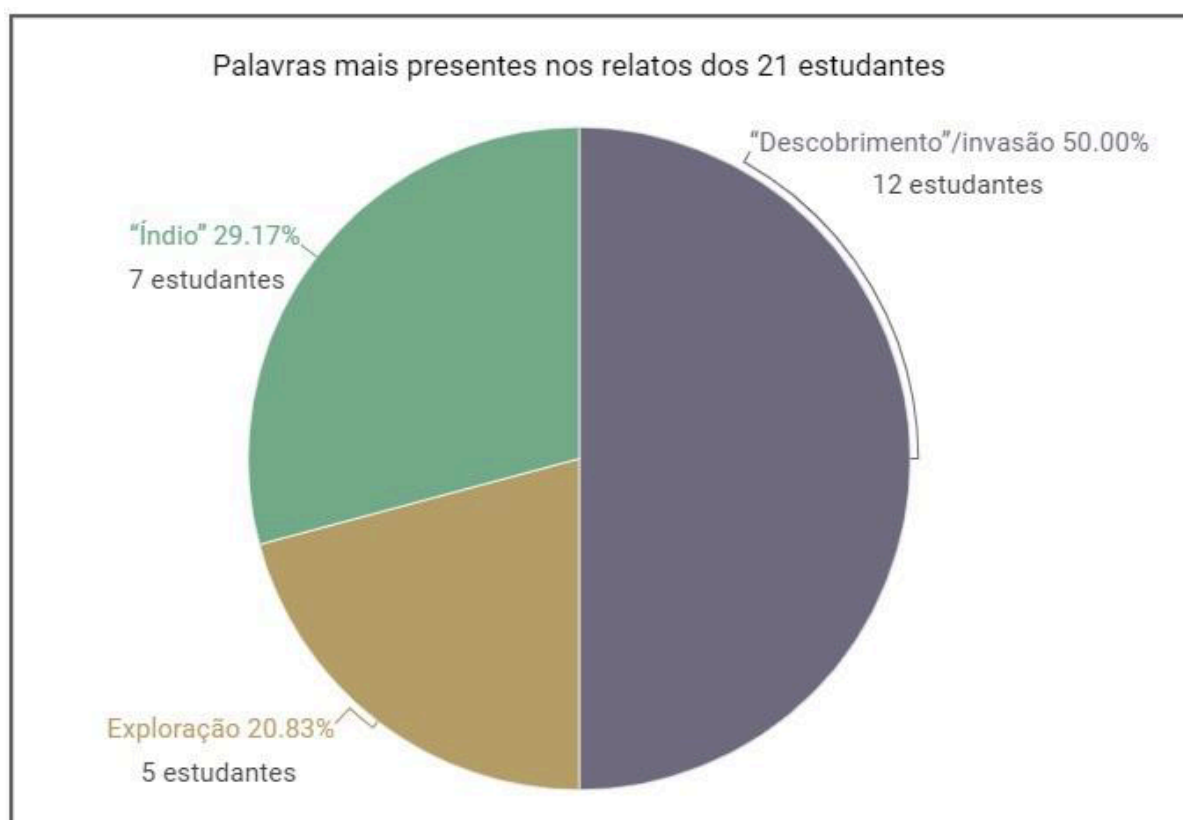
Portanto, os planos de aulas foram elaborados com o intuito de serem aplicados de maneira democrática, se referindo tanto ao fácil acesso ao instrumento principal que vem sendo cada vez mais consumido, como também ao enorme potencial de reformular o formato das aulas à medida que os próprios alunos se tornam críticos, seja pelo conteúdo abordado e obviamente a maneira em que este vai ser apresentado.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 ANÁLISES DOS RESUMOS DOS ALUNOS

Ao ouvirem a música, os estudantes levantaram diversos pontos para discussão, onde as palavras mais presentes nos relatos foram: “Descobrimento”/Invasão, onde 12 estudantes ressaltaram, do universo amostral de 21 estudantes 57% deles mencionaram estas palavras; “Índio” 7 estudantes 33% deles e 5 estudantes ou 23% do total mencionaram a palavra “Exploração” (Figura 6, Anexo C).

Figura 06 - Palavras mais presentes nos relatos dos 21 estudantes do 8º ano após ouvirem a letra da música América Latina de Fábio Brazza



Fonte: Heitor Andrade, 2024.

A ciência geográfica é estabelecida e relacionada por diversos conceitos que norteiam o seu fazer, ressaltando aqui a importância dos conceitos para as aulas e o entendimento por parte dos alunos. Logo, a colonialidade do Saber, termo estabelecido por Lander (2005), ao se referir a dependência do colonizado em relação aos saberes produzidos e replicados pelos próprios em detrimento dos seus conhecimentos autenticamente produzidos, revelam o caráter problematizador que a educação exige, como afirma Couto ao revelar que:

O conceito está a serviço da comunicação, do entendimento e da solução de problemas. Entretanto, descrever um fenômeno, estabelecer relação entre palavra e objeto e resolver problemas, embora indispensáveis, não são suficientes para sua formação, pois conceituar envolve criatividade e muitas atividades intelectuais [...] que levam o pensamento a se emancipar da percepção. (Couto, 2006, p. 87).

Portanto, ao propor a temática a partir de uma música que reconta a história a partir do ponto de vista do colonizado/oprimido, fez com que paradigmas conceituais em relação ao “descobrimento” e o processo colonizador fossem problematizados pelos próprios alunos, de tal modo que foram expressos nos termos acima.

Todavia, o termo ao se referir aos povos originários merece nossa atenção, pois apesar do autor da música ter optado pelo termo “índio” (até pela época da música, lançada em 2018 e ser um termo popular comum), ao invés de indígena, que é o correto e foi definido pelo congresso na Lei nº 14.402/2022³, no qual substitui o “dia do índio”, por Dia dos Povos Indígenas (Brasil, 2022).

³ “De acordo com o relator, “o termo ‘indígena’, que significa ‘originário’, ou ‘nativo de um local específico’, é uma forma mais precisa pela qual podemos nos referir aos diversos povos que, desde antes da colonização, vivem nas terras que hoje formam o Brasil. O estereótipo do ‘índio’ alimenta a discriminação, que, por sua vez, instiga a violência física e o esbulho de terras, hoje constitucionalmente protegidas”. Por outro lado, o termo “índio”, segundo Contarato, foi difundido quando os portugueses chegaram ao Brasil e acharam, erroneamente, que haviam chegado às Índias. “Mesmo após o esclarecimento desse equívoco, mantiveram o nome genérico pelo qual chamavam todos os povos das Américas”, explica. O senador também reforçou que a autora do projeto [Joenia Wapichana (Rede-RR)] é a única deputada federal indígena e, por isso, possui lugar de fala como representante desse grupo.” Fonte: Agência Senado (Brasil, 2022, *online*)

Consequentemente, desmistificando a maneira pejorativa que o termo carregava, além de reconhecer a diversidade cultural e cosmológica dos povos indígenas.

Para tanto, o erro serviu de maneira proposital para redefinir o que significava o termo que entrou em desuso devido a sua finalidade pejorativa, sucessivamente os apresentando o indígena como correto. Entretanto, na análise dos resumos nenhum dos alunos chegou a utilizar o novo termo, deve-se considerar a dificuldade na escrita por ser uma palavra nova para eles.

Assim, a questão mais pertinente da aula se deu sobre o “descobrimento” do atual território brasileiro, destacando o ponto de vista eurocêntrico e amplamente difundido (até mesmo pela própria escola), no qual o Brasil só começa a existir a partir de 1500. Como retratado na estrofe da música abaixo, numa perspectiva decolonial, reconhece os saberes, idiomas, religiões e culturas já existentes e além de destacar o genocídio que dizimou milhões de indígenas, provocando o epistemicídio⁴:

Quem descobriu Brasil não foi Portugal
Índios já viviam aqui irmão, muito antes de Cabral
Mas sua herança cultural
Foi dizimada pelas garras sedentas da matança colonial
(Fábio Brazza - música América Latina)

No entanto, não se imaginava que seria o ponto principal que os alunos iriam destacar e discutir dentro de sala de aula, pois dentro da própria música existem diversos acontecimentos históricos com diversos atores, tanto algozes quanto revolucionários, os quais foram apresentados com criticidade. Dentre estes protagonistas ressaltados na música se encontram os povos originários que viviam na América antes das invasões europeias, como os astecas, incas, zapotecas,

⁴ “O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Por isso, o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender” (Carneiro, 2005, p. 97).

maias e tupis. Além de resgatar a figura de Tupac Amaru como um dos heróis dos povos indígenas no Peru, em detrimento da figura de colonizadores como Hernán Cortés e Fernando Pizarro, ao refletir sobre os lugares destes na história, e até mesmo como eles são apresentados dentro das salas de aulas.

Portanto, acendendo o senso crítico nos alunos em relação a personagens homenageados em vias públicas, praças e até mesmo nomeando escolas. Logo, busca-se instigar os alunos a procurarem além das fontes oficiais, nesta busca os saberes dos mais velhos também podem ser combustível para mudanças de paradigmas.

Em um movimento em resposta a morte de George Floyd (afro-americano morto em uma abordagem policial nos Estados Unidos em 25/05/2020) diversos ativistas protestaram contra o racismo (movimento antirracista) no país citado com ações contra imagens em locais públicos que homenageiam genocidas (Guimón, 2020).

No Brasil, em julho de 2021, na cidade de Santo Amaro, em São Paulo, um grupo liderado por Paulo Roberto da Silva Lima, conhecido como Galo, ateou fogo na estátua do bandeirante Borba Gato (Xavier, 2021), “figura ligada a exploração e dizimação de indígenas e negros” (Mercier, 2021, online), localizada numa praça da cidade. Todavia, o líder foi incriminado pelo ato que ganhou repercussão nacional e aproveitando-se desse momento midiático para promover a discussão e reflexão acerca de figuras como colonizadores e escravistas serem homenageados em vias públicas. Parafraseando novamente Renan Inquérito, novo qual sobre esta problemática, disse o seguinte:

Bandeirantes, Anhanguera, Raposo, Castelo
São heróis ou algoz? Vai ver o que eles fizeram
Botar o nome desses cara nas estrada é cruel
É o mesmo que Rodovia Hitler em Israel
(Inquérito - música Eu só peço a Deus)

Entretanto, vale ressaltar também o papel que o negro escravizado ocupou dentro deste sistema colonial, pois o que era a força motriz para a realização do

trabalho braçal na *plantation*, acabou virando um dos negócios mais lucrativos e com diversas companhias que se organizavam como verdadeiras empresas, segundo Laurentino Gomes (2019).

Nas estrofes da letra é destacado o Brasil como último país das Américas a abolir a escravidão, e em sala de aula este marco gerou surpresa, no qual acabou provocando curiosidade acerca do assunto, assim dando abertura para o diálogo em relação às questões consequentes e pertinente dessa abolição tardia e mal planejada. Portanto, num recorte histórico mais recente em que a própria música em destaque proporciona, fica evidenciado as consequências em curso do processo colonialista, como ressaltado na estrofe: “Problema sério, o nosso solo é fértil, mas nossa economia é estéril”.

Suscetível ao colonialismo, adentra o imperialismo, em destaque ao papel dos Estados Unidos na América, apresentado na estrofe “As veias abertas da América Latina, à mercê dos interesses da América de cima”. Consequentemente, serviu para desmistificar dentro de sala de aula a exaltação que se criou no imaginário social ao vislumbrar o país estadunidense com uma percepção semelhante ao que foi/é o eurocentrismo, assim apresentando suas conquistas e feitos mais importantes, mas sem esquecer das consequências provocados a terceiros. Em outras palavras e de maneira poética, interpretada por Ney Matogrosso na canção Sangue Latino: "Os ventos do norte não movem moinhos".

Consequentemente, valorizando a proposta principal da música ao destacar as mazelas coloniais, mas sobretudo os feitos dos povos latinos americanos, portanto numa tentativa dos alunos se reconhecerem como tal, para assim haver uma mudança de paradigma em relação a valorização sempre do outro em detrimento da valorização do nacional/local.

Em suma, o que se constata e também é revelado na música, é que a história que adentra ao imaginário social, logo seguindo viés ideológico e político, é a mesma que adentra as salas de aulas e são postas como verdade única e sobretudo científica, todavia, são escritas pelos ditos “vencedores”.

Comungando desta mesma perspectiva de educação, Paulo Freire aponta a liberdade como um movimento permanente que a todo momento deve ser zelado da alienação, pois só assim a superação entre opressores-oprimidos/educadores-educando serão ultrapassadas.

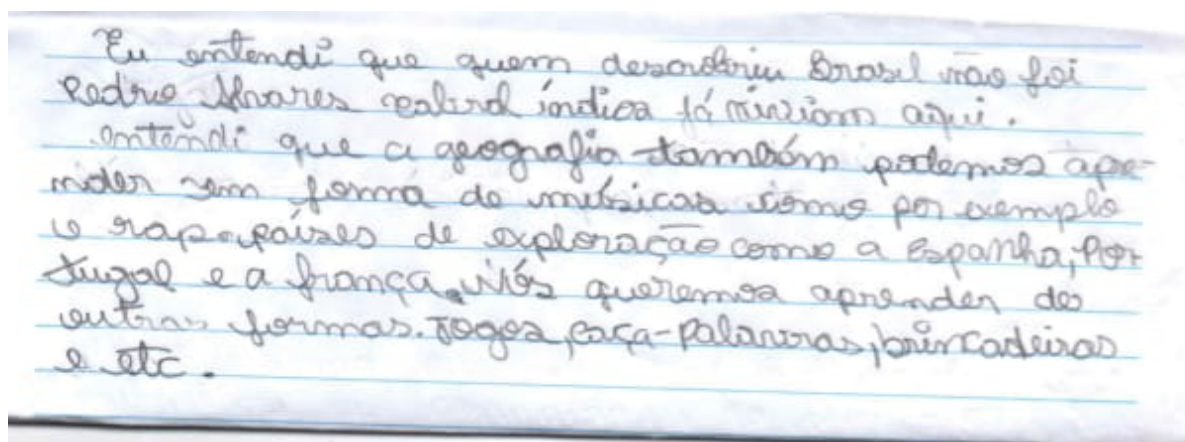
4.2 IMPRESSÃO DOS ALUNOS SOBRE A METODOLOGIA APLICADA

Ao término da segunda aula, foi solicitado aos estudantes que registrassem suas impressões sobre a metodologia adotada, que utilizou a música como principal recurso didático. Entre os termos mais recorrentes nas respostas, destacou-se a expressão da necessidade de "aulas mais dinâmicas", conforme relatado por um dos alunos, evidenciando a urgência percebida pelos discentes em relação a práticas pedagógicas que promovam maior interação e engajamento (Anexo C).

Portanto, confirmou-se esta necessidade extrema também na fala da aluna "A", ao afirmar "nós queremos aprender de outras formas. Jogos, caça-palavras, brincadeiras e etc" (Figura 07). Denota-se, deste pedido uma crítica ferrenha ao tipo de educação que vem sendo ofertada no cotidiano dos estudantes, seja pela forma de avaliação quantitativa exigida pelos órgãos responsáveis que consequentemente direcionam a maneira do professor atuar, seja pela tendência pedagógica o qual o professor segue com uma abordagem tradicional no qual o aluno participa passivamente do seu processo de aprendizagem, onde esta ocorre apenas no momento da sala de aula e numa perspectiva de armazenamento da informação narrada pelo professor, o que Paulo Freire denominou de educação bancária⁵.

Figura 07 - Resumo do Aluno A

⁵ "Na "visão bancária" da educação, o "saber" é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão - a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual está sempre se encontra no outro." (Freire, 2018, p. 81).



Fonte: Aluno A, 2024.

De todo modo, ressalta-se que, num sistema no qual o oprimido também é alienado, logo tende a ser “subopressor”, segundo Freire. Diante destas afirmações, é imprescindível que o professor, de primeiro modo, se reconheça em tais situações desfavoráveis, atividade nada fácil e que por si só não garante a superação, pois o anseio é justamente pelo pôr em prática uma pedagogia libertadora. Portanto, há de se considerar as inúmeras dificuldades em superar a educação imposta, seja por falta de infraestrutura/investimento, escassez de recursos didáticos, principalmente ligados a área da Geografia e até mesmo na própria formação enquanto docente.

Todavia, apesar das dificuldades, ressalta-se a tentativa com esta experiência posta em prática, sendo mais uma, entre inúmeras alternativas já criadas, e as que ainda há de vir, para encontrar formas que facilitem o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. Visto que assim como a liberdade, a educação não é um “objeto” estático. Logo, ultrapassar a dicotomia educador-educando se faz necessário, logo indo em consonância com o escritor e poeta, Sérgio Vaz, ao escrever “Enquanto eles capitalizam a realidade, eu socializo meus sonhos”.

Durante a análise da aplicação do plano de aula, as percepções geradas podem ser englobadas na nuvem de palavras a seguir, destacando: interação, fácil aplicação, realidade dos estudantes, surpresa com o resultado e interdisciplinaridade (figura 08).

Figura 08 – Impressões do autor ao aplicar o plano de aula

Fonte: Heitor Andrade, 2024.

Destaca-se a aplicabilidade do formato da aula, pois foi planejada para ser trabalhada dentro de uma realidade de escassez em relação a recursos didáticos que possam maximizar o aprendizado, a unidade escolar possuía apenas um aparelho utilizado exclusivamente em eventos periódicos. Todavia, é perceptível que a utilização de caixas de som portáteis vem se democratizando cada vez mais pelas camadas mais inferiorizadas, assim, se tornando um potencial instrumento pedagógico para aqueles que desejam utilizar música e outros tipos de audiovisuais.

No que se refere a in

interação fácil aplicação
 realidade dos estudantes
 surpresa com o resultado
 interdisciplinaridade

terdisciplinaridade, ficou

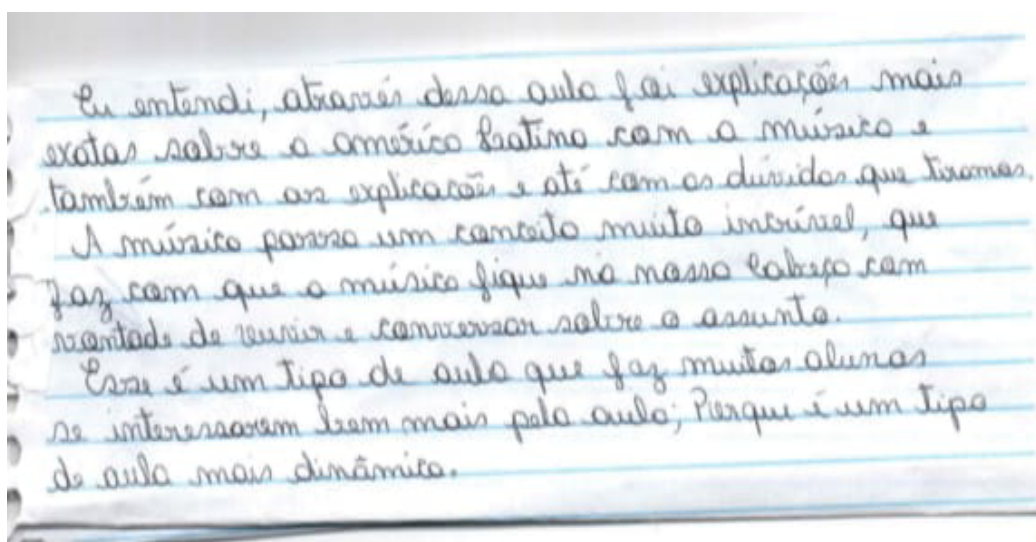
nítido no planejamento e sobretudo no momento da aplicação, pois apesar de englobar diversos temas no próprio âmbito da Geografia, excedendo este campo científico e abarcando outros. Portanto, a Ciência Humana de um modo geral, principalmente a Sociologia, Filosofia e sobretudo a História foram amplamente utilizadas durante as aulas, pois à medida que avançávamos em temas, seja dado na primeira aula, ou a cada estrofe da música um novo elemento histórico, geográfico e/ou social era englobado nas discussões.

Reforçando o que já foi dito anteriormente, o Rap e a música de uma maneira geral, ao serem trabalhados dentro da sala de aula de acordo com a temática proposta, gera uma interação mais efervescente por parte dos alunos. Evidenciou-se esta participação coletiva durante já na primeira aula com as

perguntas diagnósticas para entender o quanto eles entendiam do assunto, além do momento principal, que foi quando estes destacaram os trechos que mais os chamaram a atenção, logo em seguida recitando e/ou tecendo críticas ou fazendo perguntas.

Detalhe importante é que entre os 21 alunos presentes, 12 sugeriram que outros professores trabalhassem desta maneira, como sugere o aluno B: “A música passa um conceito incrível, que faz com que fique na nossa cabeça, com vontade de ouvir e conversar sobre o assunto” (figura 09).

Figura 09 - Resumo do Aluno B



Fonte: Aluno B, 2024.

Nas visões de pedagogia formuladas, seja por Bourdieu ou Paulo Freire, a territorialidade tem papel fundamental na maneira em que o educador irá escolher os conteúdos e para quem irá aplicar. Deste modo, o grupo Racionais mc 's (1994), ao refletir sobre o espaço, reconhece as singularidades de cada território que compõem os centros urbanos, pois ao afirmar que “Cada lugar um lugar, cada lugar uma lei, cada lei uma razão e eu sempre respeitei. Qualquer Jurisdição, qualquer área...”. Partindo desta perspectiva e conhecendo o entorno escolar, a aula foi

minuciosamente planejada em consenso com a música proposta, assim sendo bem avaliada pelos próprios alunos.

Como afirmado anteriormente, de maneira surpreendente positiva, ao que se refere ao questionamento do descobrimento por parte dos portugueses, portanto valorizando a figura do indígena. O momento foi tão efervescente que contou com a participação da professora titular que estava em sala, contribuindo ao que se refere ao mito do descobrimento, relatando que o ensino do tema nos anos iniciais é feito de maneira simplista, pois o senso comum alinhado aos livros didáticos reforçam isto.

5. CONCLUSÃO

Em suma, além de demonstrar as avaliações positivas por aqueles que participaram e demonstraram suas satisfações, a prática se mostrou eficiente e prazerosa a cada momento de interação com os alunos. Portanto, o presente trabalho acadêmico apresenta enorme potencial para aqueles que buscam fugir dos métodos tradicionais, sendo mais um referencial para os que desejam aplicar uma educação que tenha o aluno como agente ativo, além de portador de saberes que são vistos como combustíveis pedagógicos.

Como apresentado, o movimento Hip Hop é historicamente instrumento de simbolismo cultural e resistência dos povos periféricos e majoritariamente negros, assim se apresenta como fonte inesgotável de saberes empíricos, gerando empatia e atraindo os jovens estudantes. Em consonância, aplicar de forma consciente os conceitos da Decolonialidade foi perceptível, à medida que os discentes reafirmam sua identidade latina, suas heranças culturais e verdadeiros heróis, assim rompendo com o mito do descobrimento e suas inúmeras consequências.

6. BIBLIOGRAFIA

ALVES, Isabela. Sobrevivendo no Inferno: o álbum que se tornou leitura obrigatória no vestibular. **Politize**, 2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/sobrevivendo-no-inferno/>. Acesso em: 04 nov. 2024.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista brasileira de ciência política**, p. 89-117, 2013.

BARROSO, Vinicius Santos. “**Amamos Sabota**” e “**Milton Santos**”. **O Rap Geográfico e outras linguagens no ensino de Geografia**. 2023. Dissertação (Mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/16563/1/viniciussantosbarroso.pdf>. Acesso em: 25 set. 2024.

BARBOSA, Mariane. Grafite é reconhecido como manifestação da cultura brasileira. **Alma Preta**, 2024. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cultura/grafite-e-reconhecido-como-manifestacao-da-cultura-brasileira/>. Acesso em: 04 nov. 2024.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Nova lei denomina o 19 de abril como Dia dos Povos Indígenas, em substituição a Dia do Índio**. Brasília: Agência Senado, 11 de ago. 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/896465-nova-lei-denomina-o-19-de-abril-como-dia-dos-povos-indigenas-em-substituicao-a-dia-do-indio/>. Acesso em: 25 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Lei nº 14.996 de 15/10/2024. Reconhece as expressões artísticas charge, caricatura, cartum e grafite como manifestações da cultura brasileira**. 2024a. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/163480#:~:text=Projeto%20de%20Lei%20n%C2%B0%2024%2C%20de%202020&text=Ementa%3A.com%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20da%20cultura%20brasileira>. Acesso em: 04 dez. 2024

BRASIL. **Presidente sanciona lei que reconhece charge, caricatura, cartum e grafite como manifestações da cultura brasileira**. 2024b. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2024/10/presidente-sanciona-lei-que-reconhece-charge-caricatura-cartum-e-grafite-como-manifestacoes-da-cultura-brasileira#:~:text=O%20presidente%20Luiz%20In%C3%A1cio%20Lula,pelo%20Senado%20Federal%20em%20setembro>. Acesso em: 08 dez. 2024.

COUTO, Marcos Antônio Campos. Pensar por conceitos geográficos. In: CASTELLAR, Sônia (Org.). **Educação Geográfica: teorias e práticas docentes**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 25 set. 2024.

DIETZSCH, Mary Julia Martins. Leituras da cidade e educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 727-759, 2006.

EBRAHIM, Raíssa. Coletivo pão e tinta celebra dez anos levando arte periférica para galeria do SESC Santo Amaro. **MARCO ZERO**, 2022. Disponível em: <https://marcozero.org/coletivo-pao-e-tinta-celebra-dez-anos-levando-arte-periferica-para-galeria-do-sesc-santo-amaro/>. Acesso em: 04 nov. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. 6 ed. São Paulo: Editora Adandé, 2024.

FIGUEIREDO, Carolina. Unicamp aprova título de ‘Doutor Honoris Causa’ ao grupo de rap Racionais MC’s. **CNN Brasil**, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/unicamp-aprova-titulo-de-doutor-honoris-causa-ao-grupo-de-rap-racionais-mcs/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

GONZAGA, Vanessa. No Recife, ONG Cores do Amanhã usa a arte para mudar a realidade de crianças da periferia. **Brasil de Fato**, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatoe.com.br/2022/08/10/no-recife-ong-cores-do-amanha-usa-a-arte-para-mudar-a-realidade-de-criancas-da-periferia>. Acesso em: 04 nov. 2024.

GUIMÓN, Pablo. Protestos antirracistas nos EUA > Estátuas de Colombo são o novo alvo do movimento revisionista nos EUA. **El País**, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-06-12/estatuas-de-colombo-sao-o-novo-alvo-do-movimento-revisionista-nos-eua.html>. Acesso em: 23 set. 2024.

GANHOR, João Paulo. O Rap na Educação Científica e Tecnológica. **Ciência & Educação**, Bauru, 2019, 163-180. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/rZWfTZZKgTVgJkKKqpkLbYb/?lang=pt>. Acesso em: 23 set. 2024.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: Do Primeiro Leilão de Cativos em Portugal até a Morte de Zumbi dos Palmares**. 1ª ed. Editora Globo S.A, 2019

LACOSTE, Yves. **Geografia**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer guerra. Tradução Maria Cecília França. Campinas, SP: Papirus, 1988.

LANDER, Edgardo et al. (Ed.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. **CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales= Conselho Latino-americano de Ciências Sociais**, 2005.

LOSURDO, Domenico. **A luta de classes**: uma história política e filosófica. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

MALDONADO-TORRES, Nelson. El giro decolonial. Nuevos acercamientos a los estudios latinoamericanos, v. 193, 2021.

MERCIER, Daniela. Estátua de Borba Gato, símbolo da escravidão em São Paulo, é incendiada por ativistas. **El País**, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-24/estatua-do-borba-gato-simbolo-da-escravidao-em-sao-paulo-e-incendiada-por-ativistas.html>. Acesso em: 23 set. 2024.

MARVIN, Juan. **Batalha da Escadaria**. 2023. Disponível em: https://cdn.folhape.com.br/img/pc/450/450/dn_arquivo/2023/04/daniel-enquadrament-o-capa-13_2.jpg . Acesso em: 08 nov. 2024.

MELO, Tarso de. “Volta pra base e vai procurar entender”. **Cult**, 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/mano-brown-volta-pra-base/>. Acesso em: 08 nov. 2024.

OLIVEIRA, Acauam. **Sobrevivendo no inferno**. Companhia das Letras; 1ª edição, 2018.

OLIVEIRA, Karla Annyelly Teixeira. O conceito de reflexão na profissão docente: da epistemologia da prática à práxis. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 13, n. 23, p. 05-28, 2023.

OLINTO, Gilda. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. 1995.

PEREIRA, Carolina Machado Rocha Busch et al. Ensino de Geografia e Música: Possibilidades para o ensino fundamental. **Cadernos Cajuína**, v. 9, n. 3, p. e249338-e249338, 2024.

PEREIRA, Suellen Silva. A música no ensino de geografia: abordagem lúdica do semiárido nordestino—uma proposta didático-pedagógica. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Feira de Santana, v. 16, n. 3, p. 137-148, 2012. Disponível em:

PORTAL DE PERNAMBUCO. Batalha da Escadaria é reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Recife. **Portal de Pernambuco**, 2023. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/batalha-da-escadaria-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-imaterial/267897/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

QUEIROZ, Híkaro Diego Silva Alves de. **O RAP de formação**: uma abordagem do narrador em Mano Brown. 2023. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-22122023-172718/>. Acesso em: 09 nov. 2024.

RECIFE. **LEI MUNICIPAL Nº 19.062, DE 17 DE MAIO DE 2023. Declara Patrimônio Cultural Imaterial do Recife a "Batalha da Escadaria"**. 2023. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/2023/1907/19062/lei-ordinaria-n-19062-2023-declara-patrimonio-cultural-imaterial-do-recife-a-batalha-da-escadaria>. Acesso em: 05 dez. 2024.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas: Exu como Educação. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v. 9, n. 4, p. 262 - 289, Out/Dez 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-94602019000400262. Acesso em: 23 set. 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/205460>

SANTOS, Matheus Flores dos. **Movimento cultural Hip-hop e ensino de Geografia**. 2019. Acesso em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/205460>
Acesso em: 10 mai. 2025.

SILVA, Renágila Soares da. **A importância da música nas aulas de geografia**: práticas e métodos diferenciados no uso da música como metodologia de ensino nas aulas de geografia. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Universidade Federal de Campina Grande-PB (UFCG), campus Cajazeiras – PB, 2015. Disponível em: <https://www.cfp.ufcg.edu.br/geo/monografias/RENAGILA%20SOARES%20DA%20SILVA.pdf>. Acesso em: 03 set. 2024.

Suporte Geográfico. **1 Mapa Mudo do continente americano para colorir**. Suporte Geográfico, 2023. Disponível em: <https://www.suportegeografico.com/2023/05/1-mapa-do-continente-americano-para.html>. Acesso em: 09 dez. 2024.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo. Difel, 1983.

TOLENTINO, Andréia Ramalheiro. Rap e repente: do tecer das rimas ao canto falado. 2009. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

TENDLLER, Silvio; Milton Santos. **Globalização Milton Santos - O mundo global visto do lado de cá**. [S. l.: s. n.]: 2011. 1 vídeo (1 hora e 29 minutos).

VESENTINI, José William. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. A geografia na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2000.

XAVIER, Getúlio. Líder dos entregadores Paulo 'Galo' é preso por incêndio da estátua de Borba Gato. **Carta Capital**, 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/lider-dos-entregadores-paulo-galo-e-pres-o-por-incendio-de-estatua-de-borba-gato/>. Acesso em: 23 set. 2024.

7. DISCOGRAFIA

ARLINDO CRUZ. **Meu Lugar**. Rio de Janeiro. [S. l.: s. n.]: 1 vídeo (6 min). Arlindo Cruz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vNK58tL6J70>. Acesso em: 05 dez de 2024.

BRAZZA, Fábio; Napalm. **Pangeia**. São Paulo. Rap box, casa 1: 2016. 1 vídeo (5 min).. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dkPDz63RvNU>

BRAZZA, Fábio. **América Latina**. [S. l.: s. n.]: 2018. 1 vídeo (4 min).. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a0nz2Gm9BPY>. Acesso em: 03 dez de 2024.

BRAZZA, Fábio; Sant; Sid; Gog. **Brasil Colônia**. Pedro Lotto, Paiva e Gabriel César

Djonga; Lourena; Cesar MC; Salve Malak; Chris MC; Pineapple StormTv; Xamã; Filipe Ret; L7nnon. **Melhor forma (poesia acústica 9)**. São Paulo: Pineapple. 2020. 1 vídeo (10 min). PineappleStormTV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e1tZUSriYM8>. Acesso em: 03 dez de 2024.

ELNIÑO, Thiago; Sant, Kmkz. **PEDAGOGINGA**. João Victor ; Scooby e Jorge Luiz. Produtora Casa. 2017. 1 vídeo (5 minutos). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IEM-zYi7hcs>. Acesso em: 09 dez de 2024.

EMICIDA; Rael. **Levanta e Anda**. São Paulo: Gravado no Public Swimming Pool por Beatnick & K-Salaam e na Loud por Felipe Vassão. 2018.

1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GZgnl5OcuH8>. Acesso em: 05 dez de 2024.

INQUÉRITO, Rennan; Diomedes; Pop Black; Nicole. **Histórias Reais**. São Paulo. [S. l.: s. n.]: 2018. 1 vídeo (6 min). Renan Inquérito. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=RM6EcuX_Wm0. Acesso em: 03 dez de 2024.

INQUÉRITO, Rennan; Tulipa Ruiz. **Lição de Casa**. São Paulo. [S. l.: s. n.]: 2017. 1 vídeo (4 min). Renan Inquérito. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=bfX7OXyqXhM>. Acesso em: 05 dez de 2024.

INQUÉRITO, Rennan. **Eu só peço a Deus**. DJ Duh, Marcelo Cruz, Pop Black, Marcelo Cruz, Scott Oak, Marcos Elias, Alexandre Ribeiro, Bruna Menezes. Minas Gerais: Dogs Can Fly. 1 vídeo (4 min). Renan Inquérito. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=GJpvK7Cjlv0>. Acesso em: 03 dez de 2024.

RACIONAIS. **Capítulo 4, versículo 3**. São Paulo. [S. l.: s. n.]: 2017. 1 vídeo (8 minutos). Racionais. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=YLa77FGfkY8>. Acesso em: 03 dez de 2024.

RACIONAIS. **Negro Drama**. São Paulo: Cosa Nostra. 2002. 1 vídeo (6 min).

Racionais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u4lcUooNNLY>. Acesso em: 03 dez de 2024.

RACIONAIS. **Fórmula Mágica da Paz**. São Paulo. [S. l.: s. n.]: 2009. 1 vídeo (6 min). Racionais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ewHxfBtNC8E>. Acesso em: 03 dez de 2024.

Rod 3030, Bob do Contra, Tibery, Ogi, DK 47, MC Cabelinho, Kayuá, Rashid, Azzy, L7nnon; MV BILL, Slim Beat, Pineapple StormTv. **Poetas no Topo 3.3, pt.1**. Slim Beat. São Paulo: Pineapple, 2019. 1 vídeo (19 min). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=3YScGZy3wVs>. Acesso em: 03 dez de 2024.

SABOTAGE; DBS; Negra Li; Lakers. **Canção foi tão bom**. Tejo Damasceno, Daniel Ganjaman e Rica Amabis. São Paulo: Onerpm, Selo Instituto e Sabotage Prods Arts 2016. 1 vídeo (5 minutos). Sabotage. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=WF7LLI7r4Os>. Acesso em: 03 dez de 2024.

ANEXO A - Letra da Música Pangeia (part. Atentado Napalm) Fabio Brazza

Antes do vulcão cobrir Pompéia
 Antes da expansão e dominação europeia
 Antes de Jesus caminhar pela Galiléia
 O mundo era só uma Pangeia, uma Pangeia

Antes de Platão ter a primeira ideia
 Antes de Homero escrever a Odisseia
 Não havia a mitologia de Medeia
 O mundo era só uma Pangeia

Viajar é preciso, então toma-te
 O mundo como seu e seja um nômade,
 desprenda das raízes
 Somos mais que nomes de condados e
 países
 Somos homens e fomos condenados a ser
 livres

Até que criaram leis e magistérios
 Homens viraram reis, cidades viraram
 impérios
 Fizeram elos e trâmites, castelos, pirâmides
 Enxames de soldados, com os corações
 soldados

Cada qual na sua alcateia, entre deuses e
 demônios
 E o que era a Pangeia hoje virou pandemônio
 Há um muro de Berlim em cada esquina
 Das favelas e condomínios até os confins da
 Palestina

E o mundo em discrepância, cada vez mais se
 separa

O conflito escancara essa distância
 A intolerância é um dom contemporâneo
 E o mar mediterrâneo virou um
 Balsamo, dos naufragos, depósito de crânios
 O palco dos infames crimes contra a
 humanidade
 Onde as muralhas do medo afrontam a
 liberdade
 A população cresce em densidade
 E ao invés de aumentarem as mesas,
 resolveram aumentar as grades

Parafraseando Bob eu vejo um mundo sem
 fronteiras
 Se todos dermos as mãos ninguém mais vai
 bater carteira
 Vou ter que citar Rousseau, a injustiça
 começou
 Quando o primeiro a se achar dono de uma
 terra a demarcou

Nossas religiões nos separam desde cedo
 Protegendo terra fértil, fertilizamos o medo
 O início da divisão revolução agrícola
 Com advento do Estado Leviatã facínora

Mas temos um elo perdido em comum
 Adão já foi macaco e todos nós já fomos um
 O mundo se metamorfa mais do que conto de
 Kafka
 Só vai sobrar as baratas, mas todos viemos
 da África

Vejo um grão de areia e fico sóbrio

Na imensidão que clareia com um microscópio
Dependendo do ângulo que se vê, se enxerga
o inverso

O planeta é uma coisa só perante a todo
universo

Antes do vulcão cobrir Pompéia
Antes da expansão e dominação europeia
Antes de Jesus caminhar pela Galiléia
O mundo era só uma Pangeia, uma Pangeia

Antes de Platão ter a primeira ideia
Antes de Homero escrever a Odisseia
Não havia a mitologia de Medeia
O mundo era só uma Pangeia

Eu trago uma ideia já mando na lata, não
amassada
Desde a era da pedra polida as pessoas estão
lascadas
Bem vindos ao separatismo pós apocalíptico
Registro em tag, homo sapiens do paleolítico

O tamo junto posto à prova onde o dinheiro te
priva
Semblantes mortos separados pela cerca viva
Onde o consumismo é a nova fome, tablóides
Nos dividem entre usuários de iPhone,
Androids

Disputas das empresas, a publicidade vem
nessas rinhas, te mascar
Contra as linha de produção eu trago o
caderno com as Linhas de Nazca
Não apaga com o tempo nem todos entendem
o filho pródigo que narra

Só não vê as divisórias, mas todos temos um
código de barra

Pobres que adormeceram no veneno da maçã
Só colam com os rico desde que não sejam
Dalassam
Preconceitos avançaram, velocidade super
sônica
Nos afastaram mais que as placas tectônicas

Antes, quando o mundão por si juntava mais
vacas que berrantes
Tínhamos menos joias e mais pegadas de
elefantes
Traficaram o marfim e pelo mar fim dos
diamantes
Parece abstrato, mas o extrato é elegante

Éramos viajantes explorando a terra
Quem era príncipe antes se tornaram os
principiantes

Consumimos instantes, depois construímos
hidrantes
Em linhas imaginárias que nos definem como
imigrantes

E dividir não se tornou uma ideia única
Todos querendo ser os donos dessa linda
túnica
O câncer nasce no homem como homem
nasce na Terra
Mal sabemos nossa origem e estamos a um
passo da ultima guerra

Nossas clínica, muda o clima e pá pra
 equilibrar o bem me guiou
 Nosso enigma, como eliminar o maligno ser
 benigno
 Quem tem as respostas exatas pra essas
 condições sub humanas
 Então respeite a minha mãe terra porque é
 nela que a gente mama

Antes do vulcão cobrir Pompéia
 Antes da expansão e dominação europeia
 Antes de Jesus caminhar pela Galiléia
 O mundo era só uma Pangeia, uma Pangeia

Antes de Platão ter a primeira ideia
 Antes de Homero escrever a Odisseia
 Não havia a mitologia de Medeia
 O mundo era só uma Pangeia

ANEXO B - LETRA DA MÚSICA BRASIL COLÔNIA (NISSIN, FÁBIO BRAZZA , SANT, SID, GOG) - ORIENTE

Eis que surge a verdade
 Ei, até quando Brasil Colônia?
 Até quando, até quando Brasil Colônia?
 Até quando, até quando?

Eis que surge a verdade em meio ao
 prejuízo
 Manda quem pode, Odebrecht quem tem
 juízo
 Povo desunido numa guerra de partidos
 Brasil Colônia, próximo capítulo
 Aqui nunca houve independência
 E o povo pobre continua sendo escravo
 O governo te rouba cada centavo
 E o plano da Previdência é o Sexagenário
 Guerra de Cabral
 Quem descobriu o Brasil não foi Portugal
 Meritocracia sem ensino fundamental
 Escravidão moderna, era colonial
 Em agosto tem folclore na colônia

Sacis pererês e urnas eletrônicas
 Eu já dei nomes aos bois
 Vota errado, então não reclama depois
 Ora pois, a corrente no pescoço do
 trabalhador
 E agora quer dar um golpe de estado
 Deixo dois recados antes que eu me
 esqueça:

Eu não sou de esquerda e não voto no
 Bolsonaro

Desde muito tempo atrás, muito tempo atroz
 Quase desde Pero Vaz, nunca teve vez nem
 voz
 Das favelas aos faróis
 Oprimidos desde os portugueses e
 espanhóis
 Muitos contras, poucos prós, segue a conta
 pra nós

O mesmo ônus, 500 anos após
 Desde Dom Pedro Primeiro
 Que o Brasil é terceiro mundo
 Desde Dom Pedro Segundo
 Que ainda somos controlados por terceiros
 Ansiando o décimo terceiro
 Mas em desigualdade ainda estamos entre
 os péssimos primeiros
 Empréstimos em dinheiro e quem fez o
 rombo?
 Os filhos de Colombo ou os filhos de
 Quilombo, quem são os herdeiros?
 Antes presos na corrente do branco
 Hoje na conta corrente do banco
 Assassinatos seguem padrões de cores
 Pensamentos francos e Marielles Franco
 atraem franco-atiradores
 Mas cansados de ouvir ordens dos mestres
 da colônia
 Os serviçais viraram mestres de cerimônia
 E trouxeram uma nova corrente de
 pensamento
 Conhecimento é empoderamento contra os
 opressores
 O grito de Independência é declamado todo
 dia
 Nos saraus de poesia
 Mas nessa fotografia
 Não vemos um homem num cavalo branco
 Vemos mulheres e jovens negros da
 periferia
 Escrevendo a própria carta de alforria

 Educação é a nova abolição da escravatura

E cada verso no papel
 A certeza que a cultura liberta mais que
 assinatura da princesa Isabel!
 Sant!

 Lágrimas de sangue escorrem dos filhos
 desse solo e irrigam esse solo
 Crianças pedem colo e a pátria-mãe se
 isola
 "Que os órfãos chorem longe"
 Às margens do que importa, o poder à
 preferência
 Que deus me ajude (Lázaro)
 Pois eu não sou politizado
 A esquerda e a direita são duas asas do
 mesmo pássaro
 Passeiam racistas, machistas, homofóbicos,
 etno-centristas
 Há seis séculos, seis séculos
 E só passaram nós
 Foram mais de 6 bilhões de óbitos
 Queimaram arquivos, motivos
 Queimaram motivações e ainda estamos
 vivos
 Mas queimaram meus ancestrais
 Veneno nos livros
 O que já foi, não volta
 Mas quem disse que já nos livramos disso?
 E as cotas espirituais, quem cede?
 Ou melhor: quem assume esse
 compromisso?

 De reequilibrar a balança da ordem natural
 do universo
 Essa é a Revolta da Chibata em verso

Sentiu incômodo, então ajusta a carapuça
 Porque eu bato na batida pra não
 arrebentar a tua fuça
 Intolerância fede
 Ignorância é febre (infelizmente)
 Até quando Brasil doente?

Eu já não consigo mais ver a diferença dos
 dias de hoje pra 64

A ditadura continua aqui

Eles só falsificam a liberdade, mudam a
 tinta e trocam as bordas do quadro
 E é tanto enquadro dentro das rodas de
 rima

Que a nossa revolta faz o rap ser
 inadequado

E eu pergunto pra polícia: isso vai até
 quando?

E eu canto pra tentar mudar as leis
 estúpidas do estilo Jânio Quadros
 A repressão tem roupa, farda segue a moda
 É foda pensar que quem tinha que proteger
 é que incomoda

A raiva é só uma gota e a revolução é um
 copo

E não é coincidência a eleição ser no ano
 da Copa

O Neymar entra em campo e o povo vai à
 loucura

Mas ninguém se importa se na favela vai ter
 cultura

Hoje o rap salva mais que a viatura
 Que enquadra a boca, pega a escama e
 leva pra cheirar na prefeitura

Quase todo político é farinha do mesmo
 saco

Ou melhor: eles cheiram a farinha do
 mesmo saco

Pior pensar que a cada quatro anos é a
 mesma merda

É hora de agir, reclamar disso tá um saco, ó'
 Somos ativistas do asfalto

Quem luta pelo próximo nunca vai ter um
 dia de folga

E a gente não vai descansar enquanto
 ainda ocorrerem casos como os casos de
 Marielle e Olga

Polícia é ruim pra ajudar, mas boa em
 acusar

E na hora de plantar o flagra quem que vai
 'tar lá?

Milícia é boa em raptar, parece Bagdá
 E o pique tá chacina em toda quebra que
 nem Maricá (Me marcou)

O brasileiro já nasce vestindo algema
 Mas pra quem tem dinheiro isso não é
 problema

Mas pra quem nasce sem grana, eu
 recomendo estudar

A inteligência ainda é a maior revolução
 contra o sistema

Eu sou nata sã do Sant
 Sid da minha city

Chapa quente Brazza

Nissin nossa causa

Oposição atira pedra mais que catapulta

Caixão tá lindo aí pro corpo que sepulta
 Se ser puta é render-se por dinheiro
 O que dizer de quem vendeu o solo
 brasileiro?
 Brasil Colônia é só insônia para o pobre
 Terras e luxo pra imigrante do século XIX
 Em meio a antas e hienas, na selva vou
 seguindo
 Me fizeram decorar, mas jamais amar o hino
 Protagonista na cena, omissão na missão
 condena
 Anti-sistema, GOG problema!
 Quase deu perda total na esquerda nacional
 Agora é juntar cacacos, fortes fatos, grave
 geral
 Antes que eu esqueça ou perca a paciência
 Me diz qual ciência que sem prova se
 comprova?
 Em vossa excelência martelo bati
 E o prego sente na cabeça o vazio do que
 sonha
 Fogo no pavio, estopim no barril
 Brasil Colônia, ha, MC sem cerimônia, ó'
 Fumar ou não maconha não me impede que
 me oponha à discriminação
 Juiz infeliz, sem juízo no improviso
 Lucro vira prejuízo
 Traficante e usuário trancafiados no mesmo
 piso
 Baseado em quina é tráfico, muito peso
 Pego vai peso, só o Perrella sai ileso

Mas não pise na grama, descriminalização
 E uma gama de manos e manas sem grana
 pra advogado

Não iriam ver o sol nascer quadrado
 Ao contrário, o que se vê

Radiografia do estado:
 Promotor público tem em cada município
 brasileiro
 Defensoria, agulha no palheiro
 Quem bate panela, não se comove, não
 chia
 Se quem despeja usufrui de auxílio-moradia
 Maior fatia do bolo sem dar ingrediente pra
 receita
 Eis a fome de ganância da direita

"A única parte que importa pra esses cara
 do que é público é o dinheiro público. A
 população mesmo, não interessa. Interessa
 na medida que ela possa ser explorada. E,
 pra ser explorada, tem que ser desinstruída,
 tem que ser alienada."
 "Em Brasília, 19 horas."

Fonte: Fábio Brazza; GoG; Nissin; Sant;
 SID.

ANEXO C - RELATOS DOS ALUNOS

Eu entendi sobre a foto da colonização lançada do Brasil e da América Latina, a foto da imensidão da Terra. Sobre a foto do Brasil, a foto da Terra. Ter várias fotos, como, como é o Brasil entre outros, também a foto da Terra na América. A foto da "América do Sul" é um lugar de 1º mundo, mas não é um lugar de refúgio, é um lugar de refúgio, mas não é um lugar de refúgio.

Eu entendi que quem descobriu o Brasil não foi Pedro Álvares Cabral, e o geógrafo pode estudar nos museus, Tupac, rap. Os países que já foram colonizados de exploração de países como Espanha, Portugal e França, mas também seu herói cultural foi dizimado pelas guerras sedentes do movimento colonial.

Eu entendi a história sobre a cultura, a cultura que está sendo aprendida e a cultura que está sendo aprendida. A cultura que está sendo aprendida e a cultura que está sendo aprendida.

Eu entendi que a cultura brasileira foi muito rica de cultura, a cultura que está sendo aprendida e a cultura que está sendo aprendida. A cultura que está sendo aprendida e a cultura que está sendo aprendida.

Eu entendi que a música latina tem diversas faixas com uma rica diversidade cultural.

Achei a aula bem dinâmica, interessante e fácil de entender, gostaria de ter mais aulas assim, acho que seria melhor de entender os conteúdos.

A música foi a parte mais legal, trazendo a cultura de uma forma fácil de aprender.

Também entendi que mesmo quando de seu sublinhado, ainda somos dependentes de países maiores.

o que eu entendi sobre o México

eu entendi que que ele tá falando sobre a geografia e o histórico do Brasil e do mundo e o que aconteceu no México logo o México ou não a história sim ou não o que foi o que rolou se o ouro o foi prata ou se o similitude está cheio no que ano 2.000 A.D.C

Achei a aula muito interessante pois trouxe algo diferente, principalmente por ser música, que acredito que todo mundo goste. Aprendi que os índios da América aqui e apontar a chegada de Portugal por aí e ser mentes e novidades.

D S T Q Q S S

Geografia

Eu entendi que não foi o Portugal que deu o Brasil foi os índios e que o Brasil foi invadido e que o Brasil tem o Terno Não só que ele só tem o outro país e um país "O Brasil" e não o nome só e feito mas não economias e

Eu entendi que quem descobriu Brasil não foi Pedro Álvares Cabral indica lá minicon aqui.
Entendi que a geografia também podemos aprender em forma de músicas como por exemplo os países de exploração como a Espanha, Portugal e a França, nós queremos aprender de outras formas, jogos, para-palavras, brincadeiras e etc.

Eu entendi que o Brasil foi invadido por Cabral, e os portugueses colonizaram o Brasil para obter as melhores coisas, e depois nos ficaram sem nada, o Brasil produz o dolo para vender e comprar as suas próprias coisas mais caras, os portugueses colonizam suas plantações etc. Os índios já moravam aqui, quando Cabral chegou expulsou os indígenas para ficar com o Brasil.

Eu achei muito legal, seria legal que os outros professores ensinassem através de músicas, aí seria realmente mais interessante, como muita música, principalmente Rock, Punk / Nu Metal. Entendi muito melhor a matéria através de música, da para entender muito melhor assim, ainda mais no estilo musical de rap, poderia ter aulas de música.

Eu acho a aula muito divertida e interessante porque foi muito fácil de aprender e observar o assunto, o ritmo e o ritmo da música cabiam bastante e no final, eu entendi tudo. Seria muito legal se outros professores usassem essa ideia como exemplo de rap em que a gente descobria um pouco, o mesmo método de ensino deixa a aula um pouco mais divertida, gostei muito.

Eu entendi que a América Latina é um grupo de países que quase todos os países são independentes, também entendi que mesmo sendo um país independente somos dependentes dos demais países, entendi que não foi Colombo que descobriu o Brasil, muito antes dele.

Aprendi que o espanho, ~~Portugal~~ Portugal e frangio foram colonios de exploracao. Também descobri que não foi Pedro Álvares Cabral que descobriu o Brasil porque ele viviam no Brasil e a ilha de Ilho: se vivem negres e também que o vilão Xavier era um tiradentes.

- 1- gostei das músicas.
- 2- achei a sua aula legal.
- 3- aprendi mais sobre o bregaço.
- 4- aprendi mais sobre Portugal.
- 5- aprendi que o Brasil foi invadido.
- 6- e o desentendimento da América Latina.
- 7- queria que tivesse mais isso.
- 8- preciso ter essas aulas mais vezes pois é muito boa.

O que eu entendi foi:

Os portugueses não descobriram o Brasil e sim os índios. Depois deles cabral nomeou o País (Brasil) mas os índios já estavam lá, e sua história foi contada pelos portugueses e espanhóis.

E também entendi que o Portugal invadiu (colonizou) o Brasil e a chegada dos portugueses lá resultou no desaparecimento de muitos índios no Brasil, tanto das culturas como das famílias. Também pelos portugueses e também pelo processo de escravização dos

Eu entendi, através dessa aula foi explicações mais exatas sobre a América Latina com a música e também com as explicações e até com as dúvidas que tivemos. A música passou um conceito muito incrível, que faz com que a música fique na massa e não com vontade de ouvir e conversar sobre o assunto.

Essa é um tipo de aula que faz muitos alunos se interessarem bem mais pela aula, porque é um tipo de aula mais dinâmica.

Eu achei bem legal, eu acho que os portugueses tinham muito mais de um lado de moeda, pois isso faz que os alunos se tornem mais com a cabeça porque têm sempre algo mais. Sobre o tema da aula, sei também que diversos países que apresentaram uma rica diversidade cultural e natural se tornaram colonias de exploração.

Eu queria que o professor também me ensinasse mais sobre a cultura, e o que eu entendi de aula foi que Portugal não descobriu o Brasil, que a cidade virou e lutaram contra mataram primeiro aprem di também que transformaram vilas e arrabios em lúcas como: Tupac amaru.

Eu entendi mais sobre a América Latina, especialmente sobre o Brasil, pois sei muito sobre música também o Brasil e também o Brasil! Sobre que deveria ter aulas mais sobre mais sobre. Sobre que eu deveria ter aulas mais sobre mais sobre. Sobre que eu deveria ter aulas mais sobre mais sobre. Sobre que eu deveria ter aulas mais sobre mais sobre.

Eu entendi que sobre uma avaliação que quem realmente fez a descoberta do Brasil não foi o índio, foi quem veio em nome da Portugal e do colonial. Mas sua herança cultural foi transplantada pelo governo sobre a cultura colonial, e se isso que também roubaram nossa cultura e território de nós brasileiros, e também se luta em desconfiança, o mais genocídio da história nunca teve direito a reparação, pois o que eles quiseram e queriam eram e são histórias de guerra real. Dinheiro sem critério, lucro como minério, e nossa padroa não querem para que quem eram seus inimigos.

O que eu entendi foi:

Eu entendi que os portugueses não acharam o Brasil, mas os índios que já viviam aqui no Brasil a colonização portuguesa teve como primeiros característicos a submissão e a extinção de milhões de índios. O processo de colonização portuguesa no Brasil teve um caráter semelhante a outros colonizadores europeus, como a colonização.